

CONSTRUÇÕES DO IMAGINÁRIO DE MAFALDA, DE QUINO: ANÁLISE DOS DIÁLOGOS ENTRE DUAS GERAÇÕES

Ana Carolina Souza da Silva¹

RESUMO:

A literatura é um amplo campo de conhecimento no que diz respeito à formação humana e histórica e é através dela que observamos de maneira mais latente o processo de subjetivação e constituição do ser. O século XX inaugurou um período de rupturas e profundas transformações nas relações entre as gerações e na constituição das identidades dos sujeitos. Nesse contexto, analisaremos nas histórias em quadrinhos de Mafalda, de Quino os diálogos entre tal personagem e sua mãe. A análise objetiva avaliar como os questionamentos dos antigos valores e as inquietações do mundo infantil de Mafalda se confrontam ao do mundo adulto representado por sua mãe.

PALAVRAS-CHAVE: Mafalda, identidade, diálogo intergeracional, história em quadrinhos.

ABSTRACT:

Literature is a broad field of knowledge with regard to training and human history and through it we see more of the imaging process of subjectivity and the process of becoming. The twentieth century ushered in a period of disruption and profound changes in relations between the generations and the development of the identities of the subjects. In this context, we will look in the comics of Mafalda, Quino's dialogues between this character and his mother. The analysis aims to evaluate how the questioning of old values and concerns of the world's Mafalda face to the adult world represented by his mother.

KEYWORDS: Mafalda, identity, intergenerational dialogue, comic strip.

RÉSUMÉ

La littérature est un vaste domaine de connaissances en matière de formation et de l'histoire de l'homme et à travers elle, nous voyons plusieurs des processus d'imagerie de la subjectivité et le processus du devenir. Le XX siècle a marqué le début d'une période de perturbations et des changements profonds dans les relations entre les

¹ Mestranda do Programa Mestrado em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (MLI/UEPB)

générations et au développement de l'identité des sujets. Dans ce contexte, nous examinerons dans la BD de Mafalda, Quino dialogues entre ce personnage et sa mère. L'analyse vise à évaluer la manière dont la remise en cause des anciennes valeurs et les préoccupations du visage de Mafalda du monde pour le monde des adultes représentée par sa mère.

MOTS-CLES: Mafalda, l'identité, le dialogue intergénérationnel, la bande dessinée.

INTRODUÇÃO

Um dos estudos sobre grupos humanos que tem tomado papel de destaque dentre as pesquisas interdisciplinares e interculturais é sobre o gênero, em especial, o gênero feminino. Ao longo da história da humanidade, as mulheres tiveram suas vozes silenciadas e poucos são os registros sobre sua identidade e história. Como a literatura é uma fonte inesgotável do conhecimento sobre a formação e constituição humana, é nela que encontramos reflexos desse processo de construção do *ser* mulher e é nela que observaremos de maneira mais latente o rumo da formação de uma identidade feminina.

O século XX, em plena modernidade, é o contexto de produção de *Mafalda*, de Quino, e o momento em que surgem as histórias em quadrinhos, atendendo às perspectivas históricas e culturais do momento, sendo a principal fonte dos grandes heróis da comunicação visual. Como o consumo das histórias em quadrinhos está relacionado a um grande público, as suas narrativas possibilitam que os seus criadores questionem as realidades contempladas e esses questionamentos sejam absorvidos por um número maior de leitores. Desse modo, seus idealizadores podem construir críticas sobre as múltiplas temáticas que constituem uma sociedade, e a partir daí sugerir que o leitor perceba tais situações, incentivando-o a formar uma opinião que lhe é própria.

No momento em que a pós-modernidade surgia, as histórias em quadrinhos de Mafalda eram desenvolvidas por Joaquin Salvador Lavadio (Quino). Com frequência, em seus quadrinhos, a personagem Mafalda se apropria de algumas temáticas presentes nesse período de produção (especificamente nas décadas de 60 e 70), como o papel da mulher naquela sociedade, os conflitos entre as nações, a pobreza, o mau desempenho dos governos que acarretava prejuízos na economia e na política das nações, a dominação dos Estados Unidos através dos empréstimos do FMI, o descaso com a qualidade na educação, entre outros temas (ARAÚJO, p.3, 2003).

Conseqüentemente, os debates incentivados nos meios sociais e midiáticos a partir desses temas trouxeram uma série de conflitos sociais à tona, e alguns grupos sociais, denominados minorias iniciaram um processo de luta pelo direito à igualdade. E um desses grupos que iniciaram uma manifestação bastante contundente, quase que em sintonia no mundo todo, foi o das mulheres, que apesar de possuir alguns direitos como o ao voto, tinham que se conformar ainda com a função de dona de casa, mãe e esposa dedicada (ARAÚJO, p.3, 2003). Nesse contexto, Mafalda surge representando essa nova voz feminina trazendo as construções do imaginário cultural e das reivindicações da época. Em contraposição com o discurso de Mafalda, está a fala de sua mãe que representa um grupo de uma outra geração². Esse grupo constituído por sua voz é mantenedor de um discurso (re)produzido em favorecimento do arquétipo feminino representado pela figura da dona-de-casa, ausente dos pensamentos críticos sobre o mundo e sobre a sociedade e envolta somente nos problemas e detalhes da vida doméstica.

Com relação ao diálogo entre essas duas distintas gerações é fundamental ressaltar que o desenvolvimento dos papéis de gênero e a construção da identidade são relacionados com as trocas e relações culturais e sociais. Ou seja, os papéis de gênero e a identidade são socialmente construídos e aprendidos com base nessas relações estabelecidas desde o nascimento e perpetuam-se por toda vida. Dessa forma, a família desempenha papel fundamental na formação discursiva e na constituição da identidade, já que é em seu seio que a criança inicia suas primeiras relações sociais e trocas interculturais. Em meio a essas relações, está justamente o desenvolvimento do diálogo entre gerações distintas que convivem em um mesmo espaço-tempo e que buscam cada uma o estabelecimento e/ou questionamento de suas verdades. Sobre a identidade do indivíduo, o antropólogo Roberto da Mata aponta que

“de todos os seres vivos, o homem é o único que tem a obrigação de fazer-se a si mesmo, de construir-se, de constantemente perguntar quem é, e qual o sentido da sua vida. [...] O homem tem de lutar pela vida, como todos os outros seres vivos, mas só pode realizar essa luta se sabe quem é: se tem identidade. Os animais não mudam [...]. Mas nós, humanos, vivemos a nossa sociedade e o nosso tempo. Somos acima de tudo maleáveis[...]. Por isso, precisamos de valores que nos definam e nos orientem. [...] todos os homens têm uma identidade que recebem dos diversos grupos em que vivem. E cada sociedade busca fora e, sobretudo, dentro de si mesma, (na sua fantasia, nos

² Entendendo geração como grupo de pessoas que compartilharam experiências parecidas, que têm idades similares e que seguem tendências semelhantes.

seus mitos e ritos, crenças e valores) as fontes de sua identidade.”
(MATA, 1996, p.35)

Da mesma forma que as relações estabelecidas durante a vida influenciam e corroboram para a construção dos valores e das identidades, o contexto social, político, cultural e econômico possuem essa mesma força motriz de criação e modelação. Ainda sobre a noção de identidade, Bauman (2005) afirma que essa concepção foi profundamente abalada pela crise do estado de bem-estar social já que a sociedade pós-moderna tornou “fluidas”, móveis e incertas as identidades sociais, culturais e sexuais. Assim, a pós-modernidade foi marcada pela liquidez de termos como comunidade, pertencimento e identidade e qualquer tentativa de tornarem essas identidades fixas ou imutáveis foi fracassada. Bauman (2005) considera ainda que todas as identidades assumidas ou impostas são constantemente modificadas, renovadas, transformadas e liquefeitas nessa perspectiva pós-moderna.

Através dos diálogos da pequena Mafalda, que se encontra no limiar de um universo representativo de uma categoria feminina corporificada em sua mãe - com valores, tradições e posturas preestabelecidas - e esse universo novo, de uma nova categoria denominada de feminista que a pós-modernidade inaugura, é que estabelecemos o seu imaginário cultural e social. Esse universo representado pelo adulto é por muitas vezes confrontado e questionado pela criança através de um diálogo bastante marcado pela inquietação e pelo conflito entre ideologias dessas duas gerações, dessas duas categorias de mulheres.

De acordo com Denise Riley,

“A categoria ‘mulheres’ é histórica e discursivamente construída, sempre em relação a outras categorias que também se modificam; ‘mulheres’ é uma coletividade volátil na qual os seres femininos podem estar posicionados de formas bastante diferentes, de modo que não se pode confiar na aparente continuidade do sujeito ‘mulheres’; ‘mulheres’, como coletividade, é uma categoria sincrônica e diacronicamente errante, enquanto que, a nível individual, ‘ser mulher’ também é algo inconstante, que não consegue oferecer uma base ontológica. Ainda assim, deve ser destacado que essas instabilidades da categoria são o *sine qua non* do feminismo, que de outra forma se perderia por um objeto, ficando despojado de lutas e, em resumo, sem muita vida.” (RILEY, 1988, p.2)

Assim não só a identidade feminina é construída ao longo do tempo como também a categoria “mulheres”, esse grupo social, também é historicamente construído e percebido. É perceptível a dificuldade de se atribuir um sentido único, ou ainda, um único conjunto de características para uma identidade que se possa denominar de feminina. O *ser* mulher assim como o *ser* humano abrange uma série de

questionamentos e reflexões que vão muito além das atividades coletivas, afinal todo ser é único e marcado pela diferença. Além disso, quando do surgimento desse contexto pós-moderno há uma quebra dos estigmas e das identidades denominadas de únicas e individuais.

Questionando valores e buscando respostas

O homem é, por essência, um ser de linguagem e é através dela que ocorre sua construção e projeção no mundo, permitindo que se mostre e se esconda, se perca e se encontre. Com os papéis sociais não são diferentes, também são transmitidos através dessa mesma linguagem. Essa transmissão ocorre em moldes antigos, impregnados de aspectos ideológicos, que se portam enquanto razões justificáveis à relação de dominação e desigualdade que subsiste entre os sexos e entre gerações (BADINTER, 1992 apud BERNARDO, 1996, p. 30). Dessa forma, o ser humano não pode ser considerado como o único responsável pela edificação de sua própria identidade e de sua realidade, pelo fato de ingressarem na estrutura social com modelos pré-determinados, tais como papéis sociais e papéis de gênero. (MONTEIRO, 2000).

A sociedade possui estratégias de controle sobre a forma de vida e de ser do indivíduo e um desses instrumentos de controle é a família que busca através de sua imposição discursiva moldar e formar esse sujeito. Segundo Foucault (1996), o resultado desse processo de controle é a submissão do sujeito a normas e padrões de constituição de sua subjetividade, e auto-identificado através de regras previamente perpetradas de conduta ideal.

Nas tiras de Mafalda, Quino apresentou essa tentativa de busca de uma identidade própria, muitas vezes confrontada com a formação discursiva imposta ou subentendida de sua família. Sobre a representação de uma conduta humana nos quadrinhos, Eisner (2008) diz que:

“A arte dos quadrinhos lida com reproduções facilmente reconhecíveis da conduta humana. Seus desenhos (...) dependem de experiências armazenadas na memória do leitor para que ele consiga visualizar ou processar rapidamente uma idéia. Isso torna necessária a simplificação de imagens transformando-as em símbolos que se repetem. Logo estereótipos.” (EISNER, 2008, p.21)

Assim, o estereótipo de mulher submissa e os papéis femininos construídos e estabelecidos (mãe e esposa) estão representados repetitivamente nessas histórias em quadrinhos pela mãe de Mafalda. A mãe é sempre representada como dona de

casa dedicada, mãe, esposa atenciosa, mas alheia aos acontecimentos políticos e às desigualdades sociais. Essa personagem compõe-se desse modelo social feminino vigente até então, ou seja, ela representa essa identidade feminina que se caracteriza pela submissão e privação de direitos.

Em contraposição a este grupo, Quino traz aos leitores uma outra categoria feminina da qual faz parte Mafalda. Ela representa aquelas mulheres que buscaram nunca se acomodar com a realização das tarefas domésticas, mas que procuravam questionar, discutir o papel da mulher, da política, da economia, da sociedade, da revolução social, entre outras temáticas antes só permitidas aos homens. Caracterizando-se, portanto, como uma identidade feminina completamente nova que emerge na pós-modernidade ao passo que sucumbia o modelo feminino socialmente marcado pela submissão e privação de voz e direitos.

Observemos, especificamente no *corpus* delimitado, como ocorre de fato esse confronto de valores e estereótipos nas vozes de Mafalda e sua mãe, de modo a perceber como o diálogo entre essas duas gerações é essencial para a constituição da identidade da criança.



Nessa primeira tira, quadrinhos 01 e 02, Mafalda observa atentamente a mãe realizando as tarefas domésticas. Nesses quadrinhos, Mafalda demonstra seu descontentamento com essa realidade vivenciada por sua mãe percebida através de sua expressão facial. No terceiro quadrinho, o diálogo é iniciado pela própria Mafalda, iniciativa essa bastante comum em toda obra já que essa personagem representa o próprio questionamento dos valores sociais atribuídos à mulher. Por sua vez, a mãe responde ao seu chamado de forma desinteressada em uma quase-ausência da voz. No quarto quadrinho, Mafalda nos revela a verdadeira preocupação naquele diálogo: o esclarecimento quanto à natureza da capacidade de vencer ou fracassar na vida, se é ou não hereditária. A sua inquietação é tão grande que sua expressão no último

quadrinho se torna aterrorizada e sua voz é representada pelo balão trêmulo, o que demonstra esse medo de receber uma resposta positiva. O que de fato nos chama atenção nessa curta narrativa é a preocupação da infante em não repetir esse modelo de mulher representado pela mãe ou de pelo menos ter a opção de escolha já que a hereditariedade de vencer ou fracassar na vida imporá um modelo predefinido e já rejeitado pela menina.

A ausência de diálogo, de interação é evidente. A mulher adulta que possui um comportamento submisso e voltado apenas para as questões familiares é um modelo social feminino que assusta o imaginário de Mafalda. Ela não só se assusta com a possibilidade de ser assim como também de não poder ser de outra forma.



O comportamento de sua mãe em relação ao movimento feminista é observado de forma bastante latente nessa segunda tira. Nesses quadrinhos, a empolgação inicial de Mafalda com relação ao diálogo que iria travar com sua mãe é desmanchada gradativamente ao longo dos seus quatro momentos e é nitidamente percebido pela diferença no tamanho das letras. A fala da menina perpassa todos os quadrinhos, o que nos faz acreditar que a percepção do lugar social que sua mãe ocupa ocorre simultaneamente à produção de sua fala. Mais uma vez, à mãe não é dada a faculdade de refletir ou questionar, nem ao menos lhe é facultada à voz, somente lhe é peculiar a submissão social e o aceitamento dos papéis. Mais uma vez a decepção da menina perante o diálogo não-travado é manifesto tanto pela sua expressão quanto pelo tom reduzido gradativamente de sua voz.



Nessa terceira tira, Mafalda - que representa toda uma geração de mulheres ávidas por mudanças, espaços de igualdade e de expressão - aparece sonhando com a emancipação cultural, social e crítica de sua mãe: ela havia finalmente tirado o diploma. A expressão "filha de uma mulher medíocre" revela toda a insatisfação do passado comum das mulheres, das vozes silenciadas e do não-compromisso com a realidade. No terceiro quadrinho, há uma notável empolgação pelo sonho percebida por suas feições, só que a possibilidade de sua concretude é destruída pela constatação da dura realidade no quarto quadrinho: sua mãe não mudara, nada acontecera. Ela não se engajou em nenhum movimento, não se interessa por nenhuma discussão atual e suas preocupações se restringem ao ambiente doméstico e as questões da estética feminina. O sonho de um diploma tão aspirado por Mafalda nada mais é que um instrumento para melhorar a estética de sua mãe. Os universos de mãe e filha se tornam cada vez mais distantes.

Considerações

Em concomitância com às análises realizadas das tirinhas e com relação às influências culturais, lembramos que os estereótipos sexistas e os modelos sociais, impostos à mulher, são aspectos bastante antigos e que estiveram presentes ao longo da história e ainda permanecem no contexto social atual. Desde muito cedo, a mulher aprende que deve obedecer, procurar agradar, o que significa que suas ações dependem da aprovação dos outros e, portanto, acaba se preocupando em saber o que o outro espera dela. Não sendo então de se estranhar que ela acabe adotando um comportamento segundo a imagem que a sociedade tem dela, primando pela submissão à exigência, a obrigação à mudança, o perdão à reivindicação, a ausência do prazer ao risco do prazer. Compreendemos que a mãe da personagem da Mafalda

rege um comportamento que lhe fora exigido, copiando um modelo social de mulher que lhe foi imposto e lhe foi cobrado por essa mesma sociedade.

Conseqüentemente, por muito tempo, o desenvolvimento de uma identidade própria feminina é dificultada, já que o referencial não é o desejo pessoal da mulher, mas o do outro. (SUPLICY, s/d apud MATARAZZO, 2006: 84). Os aparelhos do Estado, especialmente a família e a escola, são responsáveis pela propagação e até pela construção do poder disciplinar que caracteriza a formação feminina, reafirmando os estereótipos de inferioridade e difundindo valores e padrões socioculturais que reforçam uma determinada maneira de ser mulher.

Quino apresenta sua personagem, Mafalda, como uma menina que se encontra na fase pré-escolar, mas posiciona-se como uma mulher integrada nos movimentos sociais, políticos de sua época e muitas vezes questionadora dos valores e padrões preestabelecidos. Assim, a menina acaba rompendo não só com a estrutura estabelecida em seu lar, como também em sua escola, em seu grupo de amigos e com o modelo de mulher até então propagado pela sociedade.

Segundo Araújo (2003), sua família - o pai a mãe - representam a estrutura sedimentada por papéis definidos, porém Mafalda, desde cedo, mostra a seus pais suas ambições de igualdade, desconstruindo o que já estava definido há muito tempo. A partir desta ruptura, Quino deixa transparecer, através do discurso da garota, como os grupos sociais estão se mobilizando, discutindo o papel das mulheres, buscando a igualdade e a possibilidade dos direitos iguais, contestando o que lhe foi destinado até então.

A construção da identidade é firmada no espaço do diálogo e das interações culturais, como explicar então que a menina Mafalda não se deixe influenciar em sua formação pelos atos e silêncios maternos? Embora, mãe e filha muitas vezes não consigam dialogar³, outros colóquios paralelos e concorrentes acontecem para essa formação ideológica e discursiva de Mafalda e sua construção da identidade. A televisão, os amigos - como sua colega Liberdade e a mãe desta, também integrantes de um pensamento feminista sobre a mulher - o rádio principalmente, são mediadores e transmissores dos ideais dos movimentos sociais, dos pensamentos políticos e dos problemas mundiais. Através desses meios, Mafalda constrói-se tanto de uma formação discursiva e ideológica como também de uma identidade feminina diferente daquela de sua mãe. A personagem não se deixa influenciar por esse modelo e toma

³ Entendendo diálogo como fonte de interação, troca, alteração discursiva.

para si outro referencial que vai além do *ser* mulher enquanto categoria organizada pela luta de seus interesses comuns, alcançando também o *ser* mulher enquanto identidade individual, onde os objetivos lhes são próprios e únicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, D. C. A questão do gênero nas histórias em Quadrinhos de Mafalda (Quino). In: CONGRESSO ANUAL EM CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 26., Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

BAUMAN, Z. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar:2005.

BERNARDO, A. M. C. **O papel nosso de cada dia:** um estudo sobre os papéis sociais e os estereótipos sexistas. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1996.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

EISNER, Will. **Narrativas gráficas.** São Paulo: Devir, 2008.

FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 1996.

HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.

MATTA, Roberto da. **Torre de Babel:** ensaios, crônicas, críticas, interpretações e fantasias. Rio de Janeiro: Rocco, 1996

MATARAZZO, M. H. **Nós dois:** as várias formas de amar. São Paulo: Record, 2006.

MONTEIRO, André Maurício. Repercussões do paradigma pós-moderno na pesquisa de relacionamentos conjugais (p.38 a 45). In: **Revista Ciência e Profissão**, v.20, nº2, Junho de 2000.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2008.

QUINO. **Toda Mafalda.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

RIBEIRO FILHO, A. A HQ na América Latina. In: LUYTEN, S. B. (Org.) **História em quadrinhos:** leitura crítica. São Paulo: Paulinas, 1984.

RILEY, Denise. Am I That Name? **Feminism and the Category of "Women" in History.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 1988. (p.2)